

**Saúde e Celebidades nas Redes Sociais:
a legitimação do conhecimento empírico no aconselhamento da saúde¹**

Maria Eduarda Ledo martins de ABREU²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este trabalho consiste em um ensaio teórico acerca da legitimação do aconselhamento empírico na saúde, em um contexto social regido pela lógica do espetáculo. O texto reflete sobre a celebração do estilo de vida saudável e o papel fundamental das redes sociais nesse processo, que é marcado por uma cultura de consumo de imagens e contenção de riscos. Neste trabalho também é dissertado como celebridades sem autoridade científica passam ser consideradas peritas em saúde e como essa nova configuração do bios midiático interfere nas práticas dos profissionais da saúde contemporâneos. Ao fim do trabalho, concluímos que o discurso de profilaxia de riscos se revela menos como uma intenção genuína de promoção da saúde do que como um exercício de controle dos corpos sociais, configurando uma nova face da nosopolítica contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: redes sociais; saúde; celebridades; aconselhamento empírico; profissionais da saúde.

Introdução: a relevância das mídias sociais nos estudos da sociedade contemporânea

Os estudos comunicacionais no âmbito da saúde são comumente relacionados à questões de políticas públicas de teor pedagógico, regulamentação de propagandas de produtos de uso nocivo potencial, ou associados à disseminação de informações científicas nos principais veículos midiáticos. Em todos esses casos, a saúde é tida como campo de conhecimento científico cujas autoridades formais fazem uso de, ou se opõem aos veículos midiáticos como forças independentes entre si e em relação ao público geral. Há, porém, uma outra intersecção entre os estudos acerca de comunicação e saúde que apresenta-se crescente com a popularização da saúde como assunto cotidiano e com

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura ECO-UFRJ, e-mail: duda_ledo@hotmail.com

o estabelecimento das mídias sociais na cultura contemporânea.³

A amplitude de acesso aos meios de informação revolucionou o conhecimento na virada do século, o que acarreta em esperadas mudanças sociais e políticas concomitantes às alterações e entrelaçamentos da sociedade global. O consumo ultrapassa a fase de aquisição de bens utilitários para atingir um nível de abstração simbólica, onde os produtos passam a ser consumidos por seu valor simbólico, e não mais por seu valor de troca ou valor de uso (BAUDRILLARD, 2008), se expandindo tanto em serviços e produtos físicos, como no mundo imagético das informações consumidas, orientações políticas e estilos de vida adotados por um público cada vez mais segmentado.

Dentro dessa nova realidade contemporânea, o papel das redes sociais representa muito mais que um aparato-apêndice à sociedade e suas relativas mudanças culturais. Apenas no Brasil, 130 milhões de pessoas usam redes sociais, o que equivale a 62% da população⁴. Dessa parcela, os usuários do *Youtube*, *Facebook* e *Instagram*, equivalem, respectivamente, a 60%, 59% e 40%, tornando o país um dos maiores utilizadores de redes sociais no mundo.

³ Este trabalho é um ensaio teórico derivado do projeto de pesquisa “As celebridades e a espetacularização do estilo de vida saudável: experiência, biografia e aconselhamento na mídia contemporânea”, orientado por Igor Sacramento (Fiocruz/UFRJ). O projeto tem como objetivo analisar as narrativas e gestos biográficos de celebridades sobre o estilo de vida saudável em diversos produtos e suportes da cultura da mídia contemporânea no Brasil, interrogando até que ponto a experiência corporal da vida saudável lhes autoriza a aconselhar sobre escolhas e condutas dentro de um contexto marcado pela governamentalidade neoliberal, pelo discurso terapêutico e pela moral do espetáculo. Esse projeto investiga quais as estratégias discursivas e as performances da memória envolvidas nos modos como as celebridades narram nas mais diversas mídias suas práticas de aperfeiçoamento corporal e de condução de um estilo de vida saudável, bem como os transtornos e infortúnios relacionados à busca pela saúde-espetáculo. O *corpus* da análise é composto por matérias publicadas em jornais, revistas e sites, programas de televisão e postagens nas redes sociais, especialmente no Instagram. Minha filiação ao projeto se estende até os dias atuais como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM- UFRJ), do qual Sacramento é professor e continua sendo meu orientador, mas se deu inicialmente na Fiocruz, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), onde por dois anos fui responsável por coletar dados e analisar como o estilo de vida saudável se tornou uma ferramenta comunicativa de diferenciação pessoal, atribuindo qualidades morais, sociais e políticas aos indivíduos de acordo com os seus comportamentos cotidianos e rotina alimentar. Minha análise inicial teve enfoque em como a identidade individual é influenciada pelo discurso da saúde no contexto de constante exposição pessoal nas mídias sociais. Para ilustrar esse panorama, fizemos um estudo de caso relacionado a apresentadora, *chef* de cozinha e celebridade, Bela Gil, acompanhando por mais de um ano suas redes sociais a fim de analisar seu discurso acerca da alimentação saudável e também coletar postagens pautadas na narrativa de aconselhamento e no engajamento e interação do público. Após essa seleção, os dados foram analisados e categorizados em aderência ou questionamentos acerca da autoridade da celebridade, o poder de mobilização desse aconselhamento e narrativas de diferenciação pessoal, moral e política associadas à promoção do estilo de vida saudável. Meu subprojeto culminou em meu trabalho de conclusão de curso, em 2017, intitulado “Saúde, moral e expertise empírica: a alimentação como narrativa de diferenciação pessoal no discurso de celebridades” e o projeto original de Sacramento ainda está ativo e com artigos em processo de publicação. O ensaio teórico aqui apresentado leva à frente questionamentos surgidos ao longo do projeto, discutindo neste momento como a legitimação e exposição midiática do conhecimento empírico têm modificado as representações de saúde e impactado os profissionais acadêmicos do campo.

⁴ Todos os dados são referentes à pesquisa acerca do uso mundial da internet, realizada em janeiro de 2018 pela *We Are Social*, agência global situada em Nova Iorque.

Assim sendo, o estudo das redes sociais se mostra uma relevante fonte de apaplhados e tendências políticas e culturais no país, tendo em vista que são usadas principalmente sob um aspecto subjetivo dos indivíduos, como exposição de sua "persona midiática", termo que na contemporaneidade dialoga com a cultura da "sociedade do espetáculo" definida por Debord (1967).

O termo "sociedade do espetáculo" foi usado originalmente para definir as transformações das relações sociais que estavam cada vez mais permeadas por imagens, exposição e princípios mercantis. Aqui, a ideia de que a imagem virtual passa a assumir uma forma autônoma nessas plataformas digitais ratifica a teoria de que as relações sociais se tornam mais fetichistas e imagéticas. Porém, diferente da oposição que Debord delimita entre o que é "espetáculo" e o que é "segredo" (verdades protegidas, complementares ao espetáculo), o mundo das redes sociais não reflete uma substituição do que é real por representações de imagem, na realidade, o espetáculo se mescla com a própria experiência de viver (SACRAMENTO,2016a). Há no espetáculo, nas imagens e na visibilidade, uma forma de autenticidade e de veracidade da experiência dos indivíduos, que deliberadamente reconhecem na imagem uma subjetividade e uma prática comum de sociabilidade. Constata-se, portanto, na modernidade, uma demanda social pela formação de uma subjetividade cada vez mais pública, ainda que refletindo uma visão interiorizada de cada indivíduo e sofrendo alterações através de escolhas pessoais, consumo e identidade, tomando palco nos novos dispositivos midiáticos populares (BIRMAN, 2000).

Em outras palavras, a visibilidade, agora popularmente oferecida através das mídias sociais, se torna "sinônimo de legitimidade, utilidade, garantia de qualidade: a frequência, a quantidade e a continuidade de visibilidade valoriza o indivíduo" (HAROCHE, 2011, p.367-368 *apud* SACRAMENTO,2016a). E essa transformação do homem contemporâneo em *homo technologicus*, que exalta a vida pessoal e consome a exposição da vida alheia através dos meios de comunicação e redes sociais, também mudou as relações de persuasão de mercado, que passou a utilizar essa nova necessidade de visibilidade como aparato mercantil (SIBILIA, 2008).

Nessa nova composição de valores do capitalismo, como o da exposição e do estilo vida, as celebridades surgem como uma espécie de heróis do consumo, vitrines ambulantes para marcas que acoplam seus produtos às personalidades de acordo com seu público seguidor, que são atraídos menos pela profissão formal das celebridades do que pela sua grande visibilidade midiática e consequente exposição de intimidade e estilo de vida, ou também, “estilo de consumo”. Mas, antes de adentrarmos a legitimação das celebridades como conselheiras, precisamos discutir por quais razões a saúde se tornou um assunto popular tanto nas mídias quanto nos interesses de cada indivíduo.

A popularização da saúde como assunto do cotidiano

Observamos atualmente uma grande abordagem midiática da saúde, desde a saúde corporal, como mental, até questões acerca da alimentação, que, por exemplo, passa de necessidade básica, cultural e de prazer para uma pauta de foco nutricional, onde se fala popularmente dos alimentos por seu teor de carboidratos, vitaminas e gorduras. Podemos igualmente perceber um aspecto moral e culpabilizante dos indivíduos em relação ao próprio corpo e às decisões que tomam a respeito de seu papel político e até mesmo familiar envolvendo questões de saúde, onde todas as ações precisam estar de acordo na composição de um “estilo de vida saudável”. Como falamos anteriormente, a exposição do cotidiano, das crenças e do consumo, confere, na contemporaneidade, a legitimação do estilo de vida e identidade dos indivíduos. Essa busca pelo aprimoramento dos corpos e afirmação de identidade através do consumo são conceitos inegavelmente intrínsecos ao sistema capitalista ocidental, e a sociedade contemporânea passa a espelhar um comportamento empresarial com seus próprios corpos, suas vidas e emoções, como uma forma de empreendedorismo pessoal (EHRENBERG, 2010).

Porém, as consequências desse comportamento, no caso do controle da saúde do indivíduo, acabam criando uma obrigação profilática individual ainda maior do que a obrigação estatal no cuidado da saúde da população, atribuindo ao âmbito pessoal associações de cunho moral relacionadas a problemas de saúde que muitas vezes extrapolam a possível agência do indivíduo na questão. E é neste ponto que o estilo de vida saudável passa a ser, além de um guia cultural de consumo, uma força coercitiva e vigilante

dentro de uma população (SACRAMENTO, 2016b), reiterando o conceito foucaultiano de biopolítica, onde uma nova forma de poder dissolve as práticas disciplinares nos componentes individuais de uma população, visando um melhor controle de sua totalidade ao torná-la, por si, um instrumento autorregulador (FOUCAULT, 2008).

A população aparece, portanto, mais como fim e instrumento do governo do que como força do soberano; a população aparece como sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto nas mãos do governo; como consciente, ante o governo, daquilo que ela quer e inconsciente em relação àquilo que se quer que ela faça. O interesse individual — como consciência de cada indivíduo constituinte da população — e o interesse geral — como interesse da população, quaisquer que sejam os interesses e aspirações individuais daqueles que compõem — constituem o alvo e o instrumento fundamental do governo da população (FOUCAULT, 1979, p. 425-426).

O biopoder, segundo Foucault, é uma transformação do poder político em micropoderes que agem sobre todas as segmentações da vida individual, tornando a gestão da natalidade, alimentação, saúde e regulação do corpo, em preocupações políticas da população. Essa prática de “governo individual” biopolítico age representando uma positividade mais do que uma interdição e utiliza a responsabilidade como principal método de controle e não apenas os meios de punição. Desta forma, e principalmente dentro do espectro da saúde, os indivíduos estão constantemente compelidos a assumir responsabilidades no cuidado de si, através da aderência aos comportamentos considerados saudáveis (LUPTON, 1995).

Até aqui, vimos que os estilos de consumo, especificamente o estilo de vida saudável, além de desenvolverem como um fator regulamentar na sociedade contemporânea, também serve como prática de autogoverno do bem-estar, fazendo da saúde um instrumento de estetização do cotidiano, ao mesmo tempo que age como um indicador de individualidade e diferenciação pessoal (FFEATHERSTONE, 1995). Além desses fatores, outra importante questão a propiciar a ascensão da saúde como uma das mais importantes pautas sociais foi a estabilização da cultura de risco como marca da contemporaneidade.

Segundo Anthony Giddens (1991), o termo “segurança ontológica” é utilizado para se referir a um fenômeno social de cunho emocional ocorrido na maioria dos

indivíduos, onde se enraíza no inconsciente uma base de segurança, que podemos traduzir como a “fé” que nos permite assimilar os sistemas abstratos que regem nosso meio social. Isso não quer dizer que essa assimilação é alienada e que não abre espaço para questionamentos individuais acerca desses sistemas, ela apenas permite que os indivíduos não entrem em um pavor existencial diante da numerosidade de riscos e mortalidade que eles sabem que terão que aceitar durante a vida. O estilo de vida, mesmo sendo cultural e mutável, também oferece uma série de orientações e costumes que causam identificação de grupo, fornecendo uma espécie de “segurança ontológica” frente às incertezas, ao mesmo tempo que cria uma “crise de identidade em massa” (FREIRE FILHO, 2003) da sociedade, crise que é ciclicamente suprida e fomentada pela cultura de consumo.

Na sociedade contemporânea, os riscos e a mortalidade passam a ser vistos como condições *sine qua non* que podem ser afastadas e minimizadas ao máximo através do autocontrole de não cair nas armadilhas supostamente oferecidas pelos alimentos não saudáveis, as doenças, o sedentarismo, a poluição, etc. Esse pensamento, embora vise o controle, acaba concentrando inseguranças nas mãos do poder individual, fomentando o medo de decisões erradas e mau gerenciamento do corpo e da vida social. Por consequência, os indivíduos passam a buscar e a necessitar direcionamento através de mecanismos que ofereçam segurança nas suas decisões, ou seja, há uma busca por uma espécie de guia, ou mentores da vida prática que saciem esse emergente “surto de aconselhamento” (BAUMAN, 1998). Na questão da saúde contemporânea, este surto de aconselhamento também é guiado pela mesma intenção de profilaxia que justifica a existência de estilos de vida saudáveis como uma tentativa otimizada de contra-ataque às estatísticas dos riscos à saúde, ou seja, doenças como câncer, acidentes cardiovasculares, depressão são vistos como potencialmente controláveis, de acordo com as ações do indivíduo ao longo da vida.

Como podemos observar, a saúde é uma das instâncias que mais sofreu ressignificação na sociedade contemporânea, o que justifica a sua ascensão como assunto cotidiano nas mais diversas mídias, além de também se estabelecer como um padrão de responsabilidade moral e fator estético a ser seguido pelos indivíduos.

Foucault (1979), porém, já havia salientado que essas mudanças na assimilação da saúde como antítese à doença surgem ainda no século XVIII, e o autor define essa nova concepção e extenso papel da saúde na vida social pelo termo “nosopolítica”.

As políticas de saúde não eram um assunto cotidiano na sociedade antes do século XVIII. A reconfiguração da saúde contemporânea está diretamente ligada a intenções do Estado em transmutar a responsabilidade das patologias ao âmbito individual, engajando maior comprometimento e vigilância coletiva da sociedade no regular cumprimento desta ação (FOUCAULT, 1979). O termo nosopolítica tem seu prefixo equivalente a “tragédia” em grego, ou seja, a proposta que guia a cultura atual da saúde é menos uma proposta de bem-estar geral (como justificaria o discurso do estilo de vida) do que uma pauta de prevenção às doenças. Assim sendo, o conceito nosopolítico assume que o estado natural a ser atingido é o de doença, portanto, a promoção da saúde é um contra-ataque aos riscos e patologias, que também refletem em macro-riscos econômicos e políticos para a sociedade.

Essa nova perspectiva da saúde refletiu em diversas mudanças no período, principalmente naquelas referentes ao controle da higiene e a medicalização familiar. A população foi reeducada por uma medicina focada no controle social que passou a redefinir os indivíduos em suas relações com alimentos, bebida, sexualidade e *habitat*, que agora passam a ser de interesse coletivo. Também é nessa época que as autoridades acadêmicas da saúde ganham um cargo de privilégio social, sendo legitimadas peritas e instrutoras no ato de corrigir e manter uma população em estado de saúde:

O médico se torna o grande conselheiro e o grande perito, se não na arte de governar, pelo menos na de observar, corrigir, melhorar o “corpo” social e mantê-lo em um permanente estado de saúde. E a sua função higienista, mais seus prestígios de terapeuta, que lhe assegura essa posição politicamente privilegiada no século XVIII, antes de sê-la econômica e socialmente no século XIX. (FOUCAULT, 1979, p. 310)

Porém, o que se nota atualmente, com a popularização da temática da saúde no cotidiano e nas mídias sociais, é que essa autoridade do aconselhamento médico também sofreu uma conseqüente popularização. Acredita-se que essa mudança é causada por uma série de fatores, como por exemplo a necessidade de aconselhamento

somada à crescente valorização do conhecimento empírico frente à ciência acadêmica, que se mostra muitas vezes oscilante em relação a suas descobertas. A partir de agora, observaremos nesse cenário o surgimento de um novo tipo de personalidade que se mostra influente como autoridade no aconselhamento da saúde: as celebridades do estilo de vida saudável. Mas como elas se estabelecem e o que a legitimação dessa nova expertise tem a dizer acerca da sociedade contemporânea?

O aconselhamento empírico das celebridades na saúde

Vários outros estudos já exploraram a influência de celebridades na sociedade, como é o caso de Nathalie Heinich (2011; 2012), que definiu esse poder como “capital de visibilidade”, que é um capital que pode ser comercializado através da utilização da imagem da persona célebre e que agrega a seletos indivíduos uma maior hierarquia social, adquirida, principalmente, através da exposição midiática. Olivier Driessens (2013) enriquece esse conceito ao fazer uma analogia à teoria de poder simbólico de Bourdieu, intitulando que esse “capital célebre”, diferente dos outros poderes abstratos, é o único que possui transitoriedade de reconhecimento, alcançando legitimidade em áreas sem necessário domínio intelectual.

Outro fator que infere na influência das celebridades com o público é a forma como o contato é dado. Há comum utilização de um discurso íntimo e análogo a relações de primeiro grau (face a face), criando para os fãs um simulacro de intimidade chamado de interação parassocial, que atuam como vínculos emocionais verdadeiros e fazem da celebridade uma figura confiável e próxima, fomentando uma afetividade unilateral por parte do público (HORTON; WOHL, 2006). Portanto, podemos concluir que o que torna uma pessoa célebre não está relacionado às suas autenticidades e realizações, mas sim diretamente atrelado à visibilidade midiática da persona célebre, o que a concede um poder de influência que age de forma (negativamente ou positivamente) afetiva pelo público.

Seguindo este padrão, as celebridades do estilo de vida saudável surgem das mais diversas formas, como modelos que exibem sua rotina sob a perspectiva dos cuidados com o corpo, *chefs* de cozinha que aplicam o fator nutricional em suas

receitas, e até pessoas comuns que se tornam celebridades através da exposição de seus exercícios físicos. Tania Lewis (2008; 2010) salienta que esses especialistas do estilo de vida possuem autoridade cultural por serem parte da elite célebre, mas ao mesmo tempo possuem grande reconhecimento social porque assumem poder de representatividade pública, conferido especialmente por serem uma espécie de *experts* da vida cotidiana. A autora destaca que também há muitos peritos acadêmicos tradicionais que adentram esse grupo célebre, naturalmente, através de uma abordagem de conhecimento mais acessível ao público, e também pela exposição nas mídias, sejam elas as sociais ou convencionais.

Porém, além da existência da célebre persuasão dos especialistas do estilo de vida, existem outros fatores que dialogam com o enfraquecimento da hegemonia acadêmica no aconselhamento da saúde. Podemos dizer que a sociedade contemporânea propiciou uma saturação de informações cientificamente qualificadas e veiculadas em propagandas de produtos e nos meios de comunicação em massa, informações essas que muitas pessoas acreditam sem questionamentos a respeito da veracidade do que é dito. Fora isso, a própria ciência qualificada possui muitas vertentes e resultados cambiantes, o que também revela a influência do mercado nas divulgações científicas, como acontece com determinados alimentos como leite e ovos e com a regulamentação de produtos industrializados. Todos esses fatores geram uma certa insegurança a respeito do que é veiculado, garantindo aos especialistas do estilo de vida o benefício da comprovação empírica de suas prescrições.

Além da insegurança do excesso de informações, Helman (1994) salienta que aspectos culturais também são grandes condicionadores das pessoas em relação à saúde, fator que muitos peritos acadêmicos ignoram, mas que influencia diretamente nas maneiras pelas quais os indivíduos buscam por alternativas informais ou populares de saúde, que muitas vezes trazem benefícios que a ciência ocidental não trabalha, como linguagem acessível, afeto e compreensão de visão de mundo. O autor remarca que o próprio setor acadêmico formal possui um subgrupo cultural à parte, e que esquece que seus sistemas de valores, crenças e comportamentos também estão sujeitos a subjetividade, por mais que estejam equipados de grande autoridade e poder.

Pfuetzenreiter (2001) sugere que o problema acima poderia ser solucionado se fosse garantida uma comunicação efetiva entre o público leigo e o público médico, principalmente por parte do segundo grupo, que deveria ter uma educação acadêmica com maior contato social.

Os problemas relacionados à saúde envolvem, portanto, diversos aspectos, que abrangem o campo biológico, psicológico, social e cultural [...] Está claro que a questão da adoção de hábitos e atitudes considerados desejáveis é muito mais complexa, e não há garantias de que ocorra uma mudança rápida e significativa para a resolução de todos os problemas de saúde. Os obstáculos das pessoas poderão estar relacionados a fatores não racionais que fogem à simples comunicação de valores e idéias. Mas, certamente, a integração entre as visões do profissional e do paciente sobre as questões de saúde pela abordagem do problema de forma completa e não fragmentária tornará mais estreito o relacionamento entre ambos, humanizando-os e contribuindo para minimizar o sofrimento e melhorar a qualidade de saúde e de vida dos pacientes (PFUETZENREITER, 2001, p.120)

Agora, depois de entendermos grandes fatores que contribuíram com a popularização da temática científica na prevenção cotidiana de riscos, a perda da exclusividade acadêmica na peritagem da saúde e a ascensão do conhecimento empírico no aconselhamento por celebridades do estilo de vida, outra questão se mostra latente neste ensaio teórico. Se tudo que é necessário para legitimar a prescrição de hábitos na saúde se mostra como visibilidade midiática e a aparente imagem de um corpo saudável, será mesmo que o discurso do estilo de vida saudável possui um enfoque real na promoção da saúde? Ou será que há também um esvaziamento de significado no que é considerado saudável para o que é um corpo visualmente saudável?

A coerção moral do estilo de vida saudável e suas implicações para profissionais da saúde

O que podemos observar desse cenário contemporâneo é que há um dogma de “política-vida” ressaltado no discurso midiático que associa a notoriedade dos indivíduos a sua exemplaridade no alcance dos padrões estéticos de saúde. Porém, não podemos deixar de ressaltar que a mídia não se trata de uma consciência independente, que confere a seus comportamentos intenções próprias, ela é composta por uma série de fatores como os interesses de mercado e a busca pela verossimilhança do público, tanto

que ao mesmo tempo que adota o discurso do estilo de vida saudável, ela também pode estimular o consumo de produtos cujos benefícios salutaros são duvidosos. E é por isso que deve-se entender a mídia não como poder independente e sim como um campo de disputas simbólicas (OLIVEIRA, 2013), melhor definido por Sodré (2002) como um dos gêneros da existência humana: o *bios midiático*.

Junto da política, do conhecimento e dos prazeres, o bios midiático confere um novo tipo de relacionamento do indivíduo com a realidade concreta, resultando em uma nova condição antropológica, uma nova verdade pautada pela proliferação de imagens através de dispositivos por meio dos quais são criadas novas subjetividades (SODRÉ, 2002). Embora o autor acredite que esse bios midiático possa tanto favorecer a união das pessoas como distorcer a realidade, podemos apenas concluir que sua existência permite a transformação da sociedade, naturalizando novos padrões de moral e percepção de mundo no imaginário dos indivíduos.

A moral, antes de tudo, deve ser concebida uma forma de disciplina social, uma grande ferramenta no exercício de biopoder, que aplica sua influência e vigilância de forma dissolvida nos componentes individuais de uma população. Em uma sociedade permeada por fortes conceitos nosopolíticos, a moral contemporânea enxerga comportamentos conflitantes à pauta de promoção da saúde com a mesma repulsa e inconveniência que outrora foi aplicada aos pecados na ocidentalidade religiosa. O sedentarismo e a obesidade, por exemplo, são naturalmente associados à preguiça na contemporaneidade, enquanto outros pecados, por sua vez, obtêm a sorte contrária, como o caso do pecado da vaidade, que sofre uma inversão de valores a partir da modernidade, se ressocializando dentro do imaginário do “cuidado de si”, e gerando muitas receitas para o capital da indústria dos cuidados com o corpo (BAGRICHEVSKY *et al*, 2007).

Paulo Vaz (2006) também recorre à essa analogia da moral e do controle do prazer como heranças religiosas. O autor defende que a medicina moderna e contemporânea é, na realidade, uma secularização do pecado como doença, assumindo nos indivíduos uma figura divinizada capaz de alcançar o valor supremo da saúde. Vaz ressalta que a articulação entre controle de riscos e saúde não se trata de mera hipótese

científica, e sim de uma verdadeira crença cultural que refuta outros resultados científicos divergentes de seus conceitos, ao mesmo tempo que pouco se questiona acerca de discursos midiáticos pobremente embasados, desde que estejam tratando de confirmar que determinada adoção de hábitos pode garantir ou não uma juventude prolongada e uma aparência saudável.

Portanto, se uma imagem corporal ideal é capaz de legitimar um conhecimento empírico acerca da saúde, o efeito contrário também se aplica a profissionais da saúde que não possuem o corpo como vitrine de uma saúde estética. Araújo *et al.* (2015) fizeram um estudo repleto de entrevistas com nutricionistas obesas, onde foi revelado que essas profissionais vivenciam um “forte estigma no trabalho e situações de sofrimento nas relações sociais por seu corpo representar uma inversão de valores normativos da nutrição e de uma sociedade lipofóbica”. Nos relatos, parte das entrevistadas declaram em si mesmas uma incoerência com a profissão, sentindo-se culpadas pela transgressão moral de não conseguir manter o corpo no padrão socialmente adequado. Outra parte dessas entrevistadas afirmaram sofrer assédio moral constante dos colegas de trabalho, ouvindo publicamente sugestões de cirurgias bariátricas ou recusa de emprego com entrevistas presenciais.

Se por um lado a questão do corpo deslegitima esses profissionais obesos, pelo outro, o padrão estético da saúde recompensa àqueles profissionais que o alcançam. O estudo de Nathalie Fonsceca (2017) demonstra a emergência de processos de celebração de nutricionistas por meio do uso de Instagram. Profissionais como Daniel Cady, Alessandra Luglio, Bruna Burti e Betina Balletta ganham inúmeros seguidores não só porque postam suas rotinas de alimentação e exercícios físicos, dicas de nutrição, mas também porque expõe seus corpos sarados como forma de verificação empírica dos resultados de suas escolhas de estilo de vida.

Isso nos leva a concluir, então, que, na contemporaneidade, a necessidade de espetacularização da saúde alterou o próprio exercer dos profissionais da área, de forma que a legitimação do conhecimento acadêmico é englobado pelo bios midiático, que exerce pressão moral nos profissionais da saúde para que não apenas exerçam sua profissão, mas a espelhem e exibam em seu corpo a comprovação de sua expertise,

baseando-se na crença contemporânea de que a profilaxia de riscos não apenas deve evitar doenças como resultar em comprovações estéticas de eficácia. Aqueles que se adaptam às condições desse sistema, são celebrizados e legitimados como conselheiros independentemente de sua formação acadêmica. Aqueles que não se adaptam, porém, se creem responsáveis pelo fracasso e possuem a legitimidade de seu conhecimento questionada pela crença da saúde como um padrão estético.

Conclusão

Pelo exposto, podemos concluir que a saúde é um campo muito abrangente quando se trata da área de comunicação e seus respectivos dispositivos midiáticos. Podemos também perceber que o termo saúde possui um contexto sociocultural de destaque na contemporaneidade, sendo pauta de direcionamento na vida dos indivíduos que estão cercados pela insegurança oferecida pelos riscos e incertezas de uma sociedade cuja divindade é associada ao poder de ação de cada um. Por intermédio dessa crença, os indivíduos buscam aconselhamento em peritos do estilo de vida, que conseguem esse título por comprovação empírica de um corpo saudável e consequente exposição midiática de seus hábitos e intimidade.

Os profissionais da saúde, que eram facilmente legitimados no início da cultura nosopolítica, agora se vêm em um contexto superfaturado de informações, onde a população já não sabe distinguir o que é confiável ou não, tendo em vista as informações divergentes nas próprias ciências da saúde, assim como a quantidade de informações falaciosas veiculadas nos diversos meios de comunicação. Desta forma, o conhecimento empírico retoma adeptos que acreditam que os resultados visíveis e estéticos da saúde conferem uma autenticidade àquele aconselhamento, de forma que muitos profissionais da saúde também absorvem esses conceitos e passam a midiaticizar seu estilo de vida, chegando diversas vezes a se tornarem celebridades.

Nesse cenário, as redes sociais se mostram peça chave para consolidar esse novo bios midiático, pois apresentam facilidade de exposição para qualquer indivíduo conectado, facilitando o surgimento de celebridades e garantindo interação do público durante todo o processo. Elas são potentes ferramentas de alcance, influência e reflexo

dos imaginários sociais, e revelam a virtualidade como uma forma efetiva de socialização e, portanto, como uma forma de produção de verdade, que se mescla de forma indissociável no plano sensível da contemporaneidade.

Concluimos também que as celebridades do estilo de vida saudável não precisam de legitimação acadêmica para tornarem-se peritas da saúde, apenas a comprovação empírica de sua imagem e sua exposição cotidiana nas mídias mostram-se suficientes para autenticar sua peritagem. Isso, por um lado, revela uma subliminar contraditória no movimento salutar contemporâneo, que não parece legitimar a promoção da saúde caso ela não resulte nos padrões corporais estéticos que se associam a esta prática. Esta forma de controle da imagem corporal, novamente, caracteriza o comportamento da sociedade biopolítica, onde a modificação dos corpos oferece caminho para o controle de todo um corpo social.

O exercício da nosopolítica na sociedade contemporânea se revela uma forma de controle cujo pretexto de evitar doenças resulta em uma população sobrecarregada pelas inseguranças e excesso de informação da atualidade, cenário que é bastante potencializado e refletido pela socialização digital proporcionada pelas redes sociais. Desta forma, os indivíduos respondem a esses estímulos de forma positivista quanto ao seu poder de ação subjetiva, mesmo poder que também é capaz de culpabilizá-los e desqualificá-los de acordo com fracassos socialmente estabelecidos. Faz-se então necessária a criação e exposição de uma persona midiática que acrescenta à própria experiência de vida um palco de construção e reafirmação da identidade do “eu”. A busca por aconselhamento na experiência cotidiana se mostra força típica da contemporaneidade, ao mesmo tempo que a experiência de vida confunde-se cada vez mais com a experiência do espetáculo, fato do qual a busca por um estilo de vida saudável não se comprova excludente.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. E. L. M. **Saúde, moral e expertise empírica: a alimentação como narrativa de diferenciação pessoal no discurso de celebridades**. Rio de Janeiro, 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social- Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- ARAÚJO, K. L., PENA, P. G. L., FREITAS, M. C. S., & DIEZ-GARCIA, R. W. Estigma do nutricionista com obesidade no mundo do trabalho. **Revista de Nutrição**, v.8, n.6, Campinas, SP, nov./dez. 2015.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 2008.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAGRICHEVSKY, M., PALMA, A., ESTEVÃO, A., & DAROS, M. Sedentário “sem-vergo-nha”, saudável “responsável”? : problematizando a difusão do “estilo de vida ativo” no campo sanitário. **A saúde em debate na Educação Física**. Ilhéus: Editus, v. 3, p. 209-229, 2007.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- DEBORD, G. **The Society of the Spectacle**. Nova Iorque: Zone Books, 1967.
- DRIESENS, Olivier. Celebrity capital: redefining celebrity using field theory. **Theory and society**, v. 42, n. 5, p. 543-560, 2013.
- EHRENBERG, A. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2010.
- FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Buenos Aires: Amorroutu Editores, 1995.
- FONSCECA, N. Representações sociais de posts de nutricionistas celebridades no Instagram. Dissertação de Mestrado em Alimentação, Nutrição e Saúde. Rio de Janeiro: UERJ, 2017.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1977-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3a ed., 1979.
- FREIRE FILHO, J. Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade, **ECO-PÓS**, v. 6, n.1, julho de 2003.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991
- HEINICH, Nathalie. Celebrity as Consumption. **L'Année sociologique**, v. 61, n. 1, p. 103-123, 2011.
- _____. **De la visibilité: excellence et singularité en régime médiatique**. Paris: Editions Gallimard, 2012.
- HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- HORTON, D., WOHL, R. R. Mass Communication and Para-Social Interaction: Observations on Intimacy at a Distance. **Participations**, v. 3, n. 1. Online, maio 2006. Disponível em <http://www.participations.org/volume%203/issue%201/3_01_hortonwohl.htm>
- LEWIS, Tania. **Smart Living: Lifestyle Media and Popular Expertise**. Berna: Peter Lang Inc., 2008.
- _____. Branding, celebritization and the lifestyle expert. **Cultural Studies**, v. 24, n. 4, p. 580-598, 2010.
- LUPTON, D. **The imperative of health: Public health and the regulated body**. Londres: Sage, 1995.
- SACRAMENTO, I. O espetáculo do trauma: narrativas testemunhais de celebridades sobre o bullying num programa de TV. **Contracampo**, v. 35, n. 2 . Niterói, RJ, maio 2016a.
- _____. Saúde, estilo de vida e cultura do consumo num contexto neoliberal. **Reciis**, vol.10, n. 4. Rio de Janeiro, RJ, dezembro 2016b
- OLIVEIRA, V. C. Os sentidos da saúde nas mídias jornalísticas impressas. **Reciis**, v.6, n. 4. Rio de Janeiro, RJ, fevereiro 2013.
- PFUETZENREITER, M. R. A ruptura entre o conhecimento popular e o científico em saúde. **Revista Ensaio**, v.03, n.02, p.107-121. Belo Horizonte, MG, 2001.
- SIBILIA, P. **O show do eu : a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- VAZ, P. As narrativas midiáticas sobre cuidados com a saúde e construção da subjetividade contemporânea. **Logos: comunicação e universidade**, v. 13, n. 2. Rio de Janeiro, RJ, 2006.